

**NOSSA LÍNGUA &
OUTRAS ENCRENCAS**

crônicas ●

ANA ELISA RIBEIRO

Sumário

Prefácio - Livro delícia 11

ESCREVER, FALAR

Depende de como você usa a língua	17
Acordo sem combinado	20
Unificação, padronização e outras encrencas	23
Ponto e vírgula; interrogação	26
Apaixonados por regência	29
Palavras que dizem, para mais e para menos	32
Té+! Reduzindo palavras, formando a língua	35
“Dá uma melhoradinha no texto para mim?”	38
Gramáticas e dramáticas da língua	41
Dia da Língua Portuguesa, um deles	45
Língua é coisa de museu	49
A saudade já era	53
Bora aportuguesar?	57

Corrigir e comentar: uma travessia	61
Piriri pororó: uma séria proposta de substituição	65
Gauchês, mineirês, carioquês, cearês e outras maravilhas nacionais	68
Expressões que dão sono, coceira e outros lances	71
Pontuação, ponto.	74
Antes de entrar neste texto, verifique se o mesmo...	78
Como soa seu português?	82
Meu pequeno dicionário aleatório	86
Aqui, dá uma lidinha nisto?	90
Dó, masculino	94
Menos otorrino, mais linguista	97
Para não ensinar literatura	101
Mulherzinhas alertas	107
Plurais, diversos e afins	111
Regras transitórias e usos desregrados	114
Cadê a ideia deste texto?	118
Tem prescrição que é cega	123
Eu testei, tu testaste, eles testam positivo	129
No baloiço das palavras	134
Minha língua	138
Empréstimo – parte I	143
Empréstimo – parte II	147
Entre línguas	151
Neutro	154
Pegou e disse	159
Belo Horizonte, fim de março 2020, <i>fim do mundo?</i>	162
Aprendidim	167
Reflexivo ao molho pardo	171
Nome próprio	174

Sobrenome próprio	177
Esponja de sotaque	180
Do efêmero e do oblongo	183
Objeto indireto	186
Esses, erres e o bafafá	189
Aula de português (drummondiana)	192
Bendita ordem alfabética	195
Tônica com gelo	198
Dicionários ambulantes	201
Como você corrige os outros?	204
Contraindo a língua	207
A gente gosta d'a gente	210
Um porquê só, e olhe lá	212

LER, REVISAR

E vírgula	217
Esta palavra não existe	220
Revisão de textos literários, um telefonema e jogo de cintura	223
Cerco ao revisor de textos	226
Ponto, parágrafo	229
Vírgulas a mais	233
Pontuação	235
Agradecimento	239

Prefácio Livro delícia

Delícia

Adjetivo

Gostoso e mais. Ao que se diz que é gostoso, nem sempre se chega à *delícia*.

Presume-se mais aproximado ao erótico.

Delícia é restrito a certos gostos poderosos e aos amores de início.

A.E.R., *Dicionário de Imprecisões*

Crônica é o nome comum que damos para o nosso também comuníssimo dedo de prosa, esse que, sabemos bem, só aparece assim enchapelado por ser dedo de prosa literário. E nos calhando a sorte de esse dedo de prosa ser com Ana Elisa Ribeiro, não existe nada de cerimonioso, nem mesmo um pingo de não-me-toques. O que existe é proximidade, leitura delícia, vontade de mais; sejam logo duas mãos de prosa, tanto calor, tanto sabor, tanta vivência há nessa cronis-

ta, no seu jeito despuadorado e alegremente consciente de usar (e nos fazer pensar) a língua.

Os casos linguísticos que estas crônicas atizam vão iluminando experiências também nossas, pessoais e parelhas, do nosso dia a dia com as palavras. A cada mote, a cada faísca ou pretexto de prosa, vamos ficando mais atentos, mais sagazes e bem-humorados. Vamos no balanço do ânimo da cronista, na toada que levanta da massa de texto o corpo da sua voz.

Ana Elisa não é da guarda patrulheira, isso ela nos deixa claro. É linguista e poeta de compreensão maior, de valorizar as nuances do idioma, seu colorido multicontinental e insular, suas apropriações carregadas de afeto, seus desvios brincalhões abrindo sentidos novos. Na contramão da rigidez normativa, na contramão da assepsia (ressalva feita à crônica única deste livro em forma de carta, intencionalmente asséptica, e mesmo assim, por mágica de cronista, tão emocionante, tão bonita!), essa boa prosa gosta mesmo é de *sentipensar* a língua, o modo como dizemos o que queremos dizer, com que graça, com que ginga.

Mario de Andrade, por exemplo, gaiato que era, dizia *milhor*, *mulambo*, *olioso* e outras tantas. Pois essa é a ginga das palavras que fazemos nossas e que Ana Elisa nos faz ouvir e ver de perto, em seu *mineirês* e em português doutras safras. Tudo é fato, contato, entrosamento de gente se conjugando e se, por acaso, uma língua nos soa completamente estranha, podemos ainda assim nos relacionar com ela, ouvindo sua música, saboreando suas notas.

Quem já visitou o Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo (tema, aliás, de uma destas crônicas), deve ter visto/ouvido o “Epigrama” do Boca do Inferno levantando-se no ar, justamente misturado aos nossos ares, na versão rap de Rappin’ Hood. É dessa potência que Ana Elisa nos fala, aqui, da vitalidade da palavra aliada ao nosso estar no mundo, social e intimamente, política e poeticamente, dessa pujança de língua que viaja no tempo e se alimenta do entorno, modificando-o também.

A história das palavras, suas migrações, seus enraizamentos, suas trocas. Nossa cronista se interessa por tudo isso, e mais: tem olhos particularmente atentos para o presente mutante que afeta a linguagem, olhos para o corpo e os modos que vão em expressões tantas vezes rebeldes à norma, e rebeldes porque humanas, pele da pele de quem fala. Nenhum decreto pode conter o boca a boca que vai colorindo uma pátria falada.

Transgredir também é coisa que se aprende. Transgredir pela inteligência do coração, ter olhos para a margem de mistério que as línguas guardam, avidez (ou febre) de ler, falar e escrever com o movimento da vida, a pele salgada e doce da vida, essa vida irrequieta que manuais e cartilhas costumam encurralar. A prescrição, portanto, aqui, não é normativa, mas poética: leiam Ana Elisa Ribeiro, que o coração se afina com a língua e os ouvidos se apuram na delícia de quanto podem as palavras.

MARIANA IANELLI

São Paulo, 3 de maio de 2023